

NOVA REIMPRESSÃO

# A IGREJA:



# DE DEUS

BRUCE L. SHELLEY

## ÍNDICE

	Prefácio . . . . .	7
1	A Igreja: Mitos e Significados . . . . .	9
2	A Igreja como o Povo de Deus . . . . .	19
3	A Salvação e a Igreja . . . . .	31
4	O Crescimento da Igreja . . . . .	43
5	A Forma da Igreja . . . . .	55
6	A Filiação à Igreja . . . . .	67
7	A Adoração e a Igreja . . . . .	79
8	A Maturidade da Igreja . . . . .	91
9	O Ministério da Igreja . . . . .	103
10	A Liderança na Igreja . . . . .	113
11	A Missão da Igreja . . . . .	123
12	O Destino da Igreja . . . . .	133



## PREFÁCIO

“Cristo... amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela” (Ef. 5.25). Todo cristão precisa estar de acordo com esse texto. Se Jesus amou a igreja, eu também devo amá-la.

Se olharmos ao nosso redor, encontraremos igrejas e igrejas. Muitas das organizações religiosas de hoje não podem exigir nossa dedicação e obediência, pois obedecê-las seria desobedecer o evangelho. Elas simplesmente não são expressões adequadas da graça e poder de Deus.

Não pretendo, portanto, uma aprovação de todo corpo religioso que reivindica hoje o título de *igreja*. Defendemos neste livro a idéia de que as formas institucionais, por si mesmas, não fazem a igreja. No Novo Testamento, a igreja só pode ser compreendida como um produto do evangelho da graça sobrenatural de Deus. Esta é a espécie de igreja de que falo nas páginas seguintes.

Por outro lado, não acredito que a Bíblia apóie as manobras de muitos cristãos evangélicos. Em sua rejeição das corrupções da igreja em nossos dias, descritas no Novo Testamento, muitos evangélicos tentam argumentar que a “verdadeira” igreja” não é institucional”. Em minha opinião, a Bíblia não sustenta essa idéia. As razões em que me baseio encontram-se nas páginas deste livro.

Antes de iniciar, desejo agradecer alguns de meus auxiliares. Minha dependência de inúmeros outros livros fica evidente em quase toda página deste pequeno volume. Devo igualmente um agradecimento especial à revista *Eternity* por permitir que fizesse uso de material modificado extraído de três artigos que escrevi para a mesma, tratando da fé, esperança e amor.

# 1

## A IGREJA: MITOS E SIGNIFICADOS

Um conto de fadas pode parecer um início extravagante para um livro sobre a igreja, mas o mundo de “Alice no País das Maravilhas” contém uma importante lição para nós.

Você pode estar lembrado que no curso de suas aventuras, Alice encontrou um ovo que crescia cada vez mais. Ela logo descobriu que ele era Humpty Dumpty. Na conversa que tiveram Humpty Dumpty usou a palavra *glória*, e Alice lhe disse: “Não sei o que quer dizer com *glória*”.

“É claro que não, até que eu lhe conte... Quando faço uso de uma palavra,” Humpty Dumpty exclamou em um tom bastante zombeteiro, “ela significa exatamente o que quero que signifique, nem mais nem menos”.

“A questão é,” respondeu Alice, “se você pode fazer com que as palavras signifiquem coisas diferentes.”

“A questão é,” disse Humpty Dumpty, “quem manda mais – isso é tudo.”

Esse diálogo merece reflexão. Humpty Dumpty estava inteiramente certo. O significado das palavras muda mesmo. “O ideal do ‘inglês eterno’,” escreveu o erudito inglês, C.S. Lewis em uma de suas Cartas a Malcolm, é tolice absoluta. Nenhuma língua viva pode ser eterna. Seria o mesmo que querer um rio imóvel” (Harcourt, Brace & World, 1964, p. 6). Mas

Humpty estava completamente errado por imaginar que era o senhor das palavras e podia impor-lhes um significado segundo os seus caprichos.

O significado de um termo hoje é com freqüência muito diferente do que indicava ontem. Mas o fato de reconhecer tal coisa não nos permite confundir os dois, ou ler o significado de hoje na palavra de ontem.

Tudo isto sugere que qualquer estudo mais sério da igreja deve esclarecer os significados atuais dos termos, assim como o que indica o Novo Testamento. Este o propósito deste primeiro capítulo.

Quando usam o termo *igreja*, muitas pessoas têm em mente um prédio, o qual possui características peculiares que o distinguem de outros: vitrais, colunas na entrada, talvez uma torre, mas sempre, ao que parece, uma hipoteca. Podemos apontar para ele, como faríamos com um banco ou teatro, e dizer: "Ali está uma igreja".

Nos Estados Unidos, os indivíduos religiosos usam freqüentemente o termo *igreja* para designar uma organização que inclui várias congregações e prédios. Ela geralmente os reúne em algum programa de colaboração e ministério. A igreja, neste sentido, é uma denominação, como a Igreja Evangélica Livre da América ou a Igreja Luterana Apostólica Finlandesa da América.

Outros ainda usam *igreja* para indicar cristianismo. Essas pessoas possuem percepção social ou cultural, pois estão sempre falando sobre a influência ou os ideais cristãos na sociedade. De tempos a tempos podemos ouvi-los dizer: "A igreja deve manter o padrão moral em nossa comunidade", ou alguma outra declaração nesse sentido, revelando suas idéias sobre influência em sua cidade ou estado.

A Bíblia jamais faz uso da palavra *igreja* em relação a um prédio, uma denominação, ou à influência cristã na sociedade. O termo representa outra coisa.

Se quisermos tomar a Bíblia como nosso padrão, existem então outras idéias ainda mais perigosas do que essas. Ninguém irá ficar provavelmente muito prejudicado em sua vida cristã por pensar em um prédio a ao usar o termo *igreja*. Mas outras noções podem constituir ameaças sérias à comunidade cristã responsável.

## O Mito da Igreja como Irmandade

Esta é uma visão da igreja distorcida pelo individualismo. Ela afirma que sempre que grupos cristãos se reunirem em comunhão espiritual, ali está a igreja. O mito tem aparência de verdade por basear-se num texto bíblico, citado por místicos, liberais, evangélicos e carismáticos: “Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”. Este é o texto de prova infalível para os defensores do cristianismo em pequenos grupos.

O versículo aza-se em Mateus 18.20, e como todos os textos possui um contexto. Como todos os contextos, este é essencial para a compreensão do significado do texto.

No contexto, o Senhor Jesus nos diz que se nosso irmão pecar contra nós, devemos procurá-lo em particular e tentarmos a reconciliação (v. 15). Se não quiser atender, pediremos a um ou dois indivíduos que nos acompanhem para que “toda palavra se estabeleça, pelo depoimento de duas ou três testemunhas” (v. 16). Se mesmo assim recusar-se a ouvir, Cristo diz então: “Dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano” (v. 17). Os dois ou três não são considerados como a igreja, que é identificada como um corpo maior, reunido localmente de modo a que lhe possam contar o acontecido e o indivíduo desviado possa dar-lhe atenção. Esta passagem particular faz uma clara distinção entre o pequeno grupo de cristãos e a igreja (local).

Além disso, o v. 20, no contexto, sugere que Jesus está no meio de duas ou três testemunhas, não para congregar-se mas para decidir a veracidade ou falsidade de declarações feitas nas tentativas de reconciliar diferenças entre crentes. Ele age mais como juiz do que como amigo e companheiro.

Este versículo muito citado não apóia então a idéia da essência da igreja concentrar-se em uns poucos crentes reunidos em fraternidade íntima.

A linguagem do Livro de Atos, onde lemos a respeito de vários pequenos grupos de cristãos, é igualmente cautelosa. Vejamos, por exemplo, a ocasião em que Paulo viajou de Filipos a Trôade com um grande grupo composto de Sópatro, Aristarco, Secundo, Gaio, Timóteo, Tíquico e Trófimo (At. 20.4), juntamente com Lucas, e provavelmente Tito.



Temos aqui um grupo destacado de cristãos que poderia muito bem ser considerado com base em uma definição casual (embora não-bíblica), como a “igreja no barco”. Mas o registro mantém uma clara distinção entre os viajantes e as igrejas por ele visitadas.

Mais tarde, o mesmo grupo chega a Mileto e Paulo manda chamar em Éfeso “os presbíteros da igreja”, mas no que se segue, fica perfeitamente claro que a igreja se acha em Éfeso e não na conferência dos presbíteros com Paulo e seus companheiros.

Parece existir uma distinção bíblica entre o que pode ser adequadamente descrito como uma igreja e vários outros grupos definidos (“ad hoc”) de cristãos, embora todos eles possam ser crentes verdadeiros, membros da igreja universal.

Numa época em que o indivíduo com freqüência sente-se perdido e insignificante, pequenos grupos de crentes podem exercer um ministério vital. As igrejas deveriam fornecer oportunidades aos membros e seus amigos para manifestações íntimas de suas lutas e vitórias pessoais.

Mas, esse é justamente o ponto. No Novo Testamento, pequenos grupos serviam as igrejas; eles não eram a igreja. Separados da vida ordenada da igreja, pequenas fraternidades íntimas no geral transformavam-se em reuniões pouco sadias de indivíduos problemáticos.

Em uma de suas cartas, o demônio-chefe de C.S.Lewis, Screwtape, dá instruções ao seu subalterno, Wormwood, sobre as vantagens dos pequenos grupos em destruir a fé possuída por um jovem convertido e fazê-lo voltar ao seu mau caminho. Todo grupo pequeno, ligado por algum interesse que os demais depreciam, diz ele, tende a desenvolver-se em uma estufa de admiração mútua. “Queremos que a Igreja permaneça pequena, não só para que menos homens possam conhecer o Inimigo, mas também para que aqueles que o façam adquiram a ansiosa intensidade e a auto-retidão defensiva de uma sociedade secreta ou panelinha” (C.S. Lewis, *Screwtape Letters*, Macmillan, 1951, Letter seven). Encontrei dúzias de cristãos que jamais reconheceram a obra de Satanás em seu meio.

## O Mito da Igreja Invisível

Esta é a visão da igreja distorcida pelo gnosticismo. O termo *gnosti-*

cismo exige uma explicação. Nos primeiros dias do cristianismo, surgiu um grupo que desafiou grandemente os cristãos quanto à revelação bíblica. Este grupo foi chamado de Gnóstico, por alegar conhecer as verdades secretas do universo. E este conhecimento dos ensinamentos gnósticos era o suposto caminho da salvação.

Um dualismo acentuado era fundamental ao sistema gnóstico, isto é, uma filosofia que enfatiza um mundo real, invisível – um reino do espírito – e um mundo físico contrastante, o reino do mal. Desde que não havia contato significativo entre esses dois reinos, o sistema é chamado de *dualista*.

Podemos descobrir imediatamente porque o gnosticismo desafiou tão profundamente o cristianismo bíblico. O pecado é uma questão de ignorância? Se os corpos físicos são maus por si mesmos, como poderia Deus ter-se encarnado?

A maioria dos cristãos sentiu o conflito apresentado pelo gnosticismo quanto à verdade bíblica. A sua rejeição refletiu-se no que veio a ser chamado de Credo dos Apóstolos, que começa: “Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do céu e da terra...” Os cristãos ortodoxos insistiram em que a Bíblia ensinava que a natureza física e a história humana eram esferas de atividade divina autêntica. A Bíblia declara que Deus entra no tempo e no espaço e age para a nossa salvação.

Tudo isto é um pano de fundo necessário para revelar o erro dos que buscam uma igreja verdadeira além do tempo e do espaço. Quando alguém diz: “Não pertencço a igreja alguma, sou membro do corpo de Cristo,” ele está fazendo da filiação em Cristo um assunto particular, místico, um relacionamento obtido em separado de qualquer prática, instituição ou cerimônia terrenas.

Uma pessoa assim tem a grande vantagem de não assumir qualquer responsabilidade pelas igrejas organizadas na terra. Todo pecado e falha nas igrejas podem ser postos de lado como algo que a natureza humana não-espiritual pratica, mas deixa a alma do verdadeiro crente intocada – e despreocupada.

O elemento demoníaco nesta linha de pensamento é claro na correspondência de Screwtape com Wormwood. Em sua terceira carta, ele diz a Wormwood para manter a mente do convertido desviada dos deveres mais elementares, dirigindo-a para os pontos mais avançados e espirituais.

“Agrave essa característica humana deveras útil, o horror e a negligência do óbvio”. Se não puder impedir que o jovem ore por sua mãe, aconselha Screwtape, verifique que “ele se preocupe sempre com o estado da alma dela e nunca com o seu reumatismo... Tenho tido pacientes tão bem controlados por mim, que podiam mudar de um minuto para outro de uma oração comovida pela “alma” de uma esposa ou filho, passando a espancar ou insultar os mesmos na vida real sem qualquer escrúpulo” (C.S. Lewis, *Screwtape Letters*, Macmillan, 1951, Letter three).

Esta super-espiritualidade possui, entretanto, uma desvantagem, sendo estranha às igrejas do Novo Testamento, que foram ensinadas a considerarem coisas terrenas como dádivas generosas em dinheiro como sendo “graças” e que um copo de água dado a um irmão sedento podia ser oferecido, de fato, ao Senhor (Mt. 25.34-40).

As igrejas do Novo Testamento foram recipientes do poder e companhia invisíveis, mas elas mesmas eram tão terrenas como as lágrimas, o sangue e o cansaço.

## O Mito da Igreja Original

Esta é uma visão da igreja deturpada pelo primitivismo. Este mito encontra-se entre os que apelam constantemente para a “igreja do Novo Testamento” – como se o primeiro século tivesse conhecido apenas uma igreja, sendo ela o ideal para todas as eras. Esta é uma forma de primitivismo cristão. Ela considera o original como modelo. Todas as igrejas subsequentes são, por definição, cópias inferiores, do mesmo modo que as reproduções de um Rembrandt são inferiores ao original.

O mito falsifica uma importante convicção evangélica – a revelação peculiar da Escritura. A Palavra de Deus é a norma para todo ensino e comportamento cristão. *Sola Scriptura!*

Este importante princípio da Reforma refere-se, porém, à verdade de Deus encontrada na Bíblia. Jamais foi uma aprovação geral de todos os atos dos homens – cristãos e não-cristãos – registrados na Escritura.

As igrejas apostólicas – lembre-se de Corinto – com frequência afastavam-se do original. Divisão, heresia, imoralidade e imaturidade eram quase sempre mais visíveis do que a graça de Deus.

O infeliz produto deste mito do original é uma crítica das igrejas de nossa época. A censura é quase inevitável, desde que é praticamente impossível para as igrejas de hoje se compararem a uma igreja modelo que nunca existiu.

## **O Mito da Igreja como Doutrinária**

Esta visão da igreja fica obscurecida pelo intelectualismo. Trata-se de uma distorção encontrada entre os cristãos que insistem interminavelmente sobre uma doutrina correta ou “dividir corretamente a Palavra da verdade” e que sentem em seus corações que sem um evangelho “cem por cento puro” não existe uma igreja verdadeira.

Lesslie Newbigin, Bispo de Madras, na Índia, traça esta “super-intelectualização” da fé, como remontando aos reformadores protestantes e sua insistência em definir a igreja em termos de doutrina “pregada corretamente”. “A Palavra”, disse Lutero, “é a única marca perpétua e infalível da igreja”. Quem quer que leia, porém, os escritos do monge transformado verá que a Palavra significava para ele mais do que doutrina corretamente formulada. A Palavra que produzia fé, na opinião dele, era dinâmica e ativa na alma dos crentes.

Não obstante, o acordo doutrinário logo tornou-se a base da unidade protestante contra os erros de Roma e a fé veio a ser definida em termos de acordo com a doutrina da igreja.

Muitos outros evangélicos nos Estados Unidos possuem uma herança de conflito com o liberalismo. Sua visão da igreja é moldada pelo passado e tendem a pensar nela em termos de “verdades profundas” das Escrituras. Os cultos são quase sempre salas de aula em que a Bíblia é estudada com um bloco de notas e uma caneta na mão. Uma bênção, neste ambiente, geralmente significa a descoberta de alguma nova idéia da Escritura. E desde que a experiência é principalmente uma questão de pensamento e raciocínio, fitas-cassete da mensagem do professor podem ser distribuídas a centenas de outros cristãos fora da sala de aula.

Quantas vezes igrejas cristãs foram destroçadas por indivíduos ou grupos que tentaram impôr seus mitos sobre o corpo! Quantos crentes zelosos foram vencidos pela desilusão quando deixaram de encontrar numa comunicade cristã a realização de seus sonhos!

Deus não permitirá que nem mesmo tragédias assim sejam a palavra final. “Só aquela fraternidade que enfrenta uma tal decepção,” diz o teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, “com todos os seus aspectos infelizes e feios, começa a ser aquilo que deve ser aos olhos de Deus, começa a agarrar pela fé a promessa que lhe é feita” (*Life Together*, New York: Harper and Row, 1954, p. 27).

Antes de encontrarmos a igreja como Deus a designou, devemos vencer os mitos de nossa própria imaginação. É por esse motivo que necessitamos identificar nossas falsas concepções da igreja — para vermos mais claramente a realidade oferecida por Deus a todo verdadeiro crente em Jesus Cristo.

## **O Que É a Realidade?**

Antes de discutirmos a forma e as funções da igreja, devemos identificá-la.

Talvez o ponto inicial seja o reconhecimento de que a igreja é uma sociedade de seres humanos, uma comunidade visível entre outras comunidades humanas. Ela tem fronteiras.

Os teólogos geralmente se preocupam com os que morreram na fé, com a “igreja vitoriosa”, mas o Novo Testamento raramente (ou talvez nunca) olha para o céu, a fim de observar a igreja. Ele parece satisfeito em deixar os mortos nas mãos de Deus.

O interesse principal da Bíblia é o povo de Deus na terra. Esse é certamente o curso da responsabilidade cristã. Somos instados a nos unir à comunidade visível de Deus neste planeta e a promover o seu avanço.

Como veremos mais tarde neste capítulo, o núcleo da história bíblica é o chamado e cuidado desta comunidade visível, primeiro em Israel e depois na igreja cristã. Num sentido muito real, os 66 livros da Escritura formam um único, a Bíblia, porque através de suas páginas existe uma sociedade real, visível, terrena chamada de “povo de Deus”.

Nosso Senhor Jesus Cristo é o “Superstar” da Escritura porque, como mencionou Lesslie Newbigin, Ele não deixou um livro, um credo, um sistema de pensamento, ou uma regra de vida, mas uma comunidade visível — a igreja.

Esta comunidade é especial justamente por causa de Jesus Cristo. A frase “igreja de Deus” (*ekklesia theou*) ou “igreja de Cristo” (*ekklesia Christou*) revela o significado essencial da igreja. A palavra igreja (*ekklesia*) por si só não significa mais do que simplesmente “reunião”. Mas “igreja de Deus” indica que o caráter desta assembléia não está em seus membros mas em seu Cabeça. É a assembléia ou reunião de Deus.

O Novo Testamento ensina que todos os que são levados para a fé, numa nova relação com Cristo, descobrem que passam a associar-se com uma porção de outros. A sensação de pertencer a Cristo inclui, imediata e inseparavelmente, um sentido de união com o povo de Cristo. Em ampla escala, esta é uma comunidade de *confissão*, desde que se acha baseada numa confissão comum, feita através dos lábios e da vida, que Jesus é Senhor.

Numa escala mais estreita, é uma comunidade *local*, desde que o crente se encontra, na verdade, reunido com aqueles que vivem nas vizinhanças e professam esta mesma fé e lealdade a Jesus Cristo. Quando os escritores do Novo Testamento falam então da igreja (*ekklesia*) sempre englobam um ou outros desses sentidos. E, com frequência, não podemos separá-los completamente.

E. Glenn Hinson, um professor do Seminário Batista do Sul em Louisville, U.S.A., sugere que a relação entre a igreja universal e local é como examinar um objeto através das duas extremidades de um telescópio. De um lado o objeto multiplica seu tamanho e de outro este é reduzido. Em todos os aspectos, exceto o tamanho, temos a mesma entidade (*The Church: Design for Survival*, Nashville, Broadman, 1967, p. 55). O Novo Testamento jamais fala de uma igreja universal como a soma total de todas as igrejas locais. Trata-se da totalidade de um povo remido e não de uma organização de congregações locais.

Além disso, o Novo Testamento nunca sugere um conflito entre a comunidade universal confessional e a reunião da comunidade local. Os escritores do Novo Testamento pensavam em uma igreja única porque só existe um Salvador e Senhor da igreja. Paulo sublinhou esta unidade em Efésios 4 quando escreveu: “Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos” (Ef. 4.4-5).



# ESTE É UM LIVRO QUE RESPONDE ÀQUELAS PERGUNTAS TÃO COMUNS EM NOSSOS DIAS:

- Posso ser cristão sem pertencer a uma igreja local?
- As igrejas que tenho observado hoje dificilmente se assemelham às daquelas do Livro de Atos. Por quê?
- O que a igreja deve fazer por mim?
- Qual a relação da minha fé com o batismo?
- Quem é responsável pela evangelização: eu ou a igreja?

O dr. Shelley, historiador da igreja que dedicou 19 anos de sua vida pesquisando a história e as Escrituras, acredita que precisamos entender tanto a Bíblia quanto a história da igreja para compreender a relação de nossa fé com a igreja local.

**Bruce L. Shelley** (1927-2010) é graduado pela Columbia Bible College (BA), pelo Fuller Theological Seminary (M Div) e pela University of Iowa (PhD). Foi professor de História da Igreja no Conservative Baptist Theological Seminary de Denver, Colorado, EUA. Escreveu vários livros, entre eles *História do cristianismo ao alcance de todos* (Shedd Publicações).